

Pela valorização da ciência no Nordeste



Já que existe no sul esse conceito
Que o nordeste é ruim, seco e ingrato
Já que existe a separação de fato
É preciso torná-la de direito
Quando um dia qualquer isso for
feito
Todos dois vão lucrar
imensamente
Começando uma vida diferente
De que a gente até hoje tem vivido
Imagina o Brasil ser dividido
E o Nordeste ficar independente

Iniciamos esse editorial com esse trecho da música de Bráulio Tavares “Nordeste independente” não por que de fato acreditamos que o Nordeste deve se tornar uma unidade “independente” do Brasil como um todo, mas para chamar a atenção para esse “Brasil dividido”, que coloca o Nordeste em uma situação de desigualdade estrutural com o “Sul do Brasil”. Essa desigualdade não está somente relacionada à aspectos socioeconômicos, mas ela resvala em uma desigualdade referida a visibilidade do conhecimento produzida pelas instituições de ensino nordestinas.

É inegável o interesse pelo Nordeste no pensamento social brasileiro. Foram muitos os pesquisadores e pesquisadoras que se interessaram pelos aspectos econômicos, culturais, religiosos e raciais dessa região do Brasil. Não é à toa que uma das obras mais impactantes de interpretação do Brasil como nação tem como cenário essa região e a economia que se desenvolveu



por aqui no período colonial tal como retratada em Casa Grande e Senzala, de Gilberto Freyre.

De lá para cá foram muitos os estudos que focalizaram essa região como objeto de estudos para compreensão de processos de mudanças socioeconômicas relacionados a modernos programas de desenvolvimento. Os trabalhos de Roberto Cardoso de Oliveira e David Maybury-Lewis, em 1968, são importantes registros desse interesse (MELATTI, 1984). A economia foi certamente um item central na agenda de pesquisas de pesquisadores e pesquisadoras sudestinos/as sobre o Nordeste. Ela esteve presente em inúmeros estudos de toda uma geração de pesquisadoras/es como Moacir Palmeira, Maria Rosilene Barbosa Alvim, Lygia Sigaud, Beatriz Alasia de Heredia, José Sérgio Leite Lopes etc. Certamente uma das linhas mais tradicionais de pesquisa na antropologia social brasileira, os estudos sobre o campesinato, que ganhou força em uma das instituições de pesquisa mais prestigiadas no Sudeste/Brasil, o Museu Nacional, deve muito ao Nordeste pelas trajetórias brilhantes dessas/es pesquisadoras/es.

A importância desses trabalhos para a consolidação das Ciências Sociais no Brasil é inegável, mas eles também revelam uma perversa desigualdade na geografia do conhecimento no produzido no Brasil. Uma dinâmica que posicionou o Sudeste como polo produtor e divulgador de conhecimentos e o Nordeste como objeto de estudo e consumidor de conteúdos vindos do Sul/Sudeste. Essa geografia da desigualdade do conhecimento não é muito diferente em relação aos estudos sobre gênero e sexualidade. O protagonismo de instituições nordestinas nesse campo de conhecimento se materializa em núcleos e pesquisadoras/es que tem gerado conceitos e trabalhos importantes para essa área de estudos. Contudo, as referências persistem em endereços fixos no Sul/Sudeste brasileiros.



Acreditamos que o aumento das instituições de ensino superior ocorrida nos últimos anos em regiões como o Nordeste venha romper com essa lógica perversa de sermos somente receptores de conhecimento. Às tradicionais universidades públicas nordestinas somam-se às novas instituições de ensino, muitas localizadas em interiores do Nordeste, onde o ensino superior era algo tomado como inimaginável nos projetos de vida dos habitantes locais.

É a partir dessa provocação que esse número da revista *Cadernos de Gênero e Diversidade* oferece à/ao leitora/r um conjunto de artigos que buscam pensar os Nordeste a partir de instituições nordestinas. Com esse foco a revista *Cadernos de Gênero e Diversidade* assume um compromisso político de estimular e divulgar a produção sobre gêneros e sexualidades a partir de uma perspectiva ampla, focalizando as produções nordestinas em sua potência de geradoras de conceitos.

Um dos sentimentos que mais mobilizaram a construção desse número foi o orgulho de compor esse mosaico plural que chamamos de Nordeste.

Patrícia Rosalba Salvador Moura COSTA

Thiago Barcelos SOLIVA

Felipe Bruno Martins FERNANDES

Referência

MELATTI, Júlio Cesar. Antropologia no Brasil: um roteiro. *Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais – BIB*, Rio de Janeiro, n. 17, 1^o sem., 1984.